

O Instituto da Defesa Nacional realizou, em 8 de abril de 2015, um *workshop* inserido no projeto de investigação “Pensar Estrategicamente Portugal: A Inserção Internacional das Pequenas e Médias Potências e a Primeira Guerra Mundial”. Este projeto é desenvolvido pelo Instituto da Defesa Nacional, em parceria com o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e conta com o apoio da Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial.

Tirando partido da presença de vários historiadores portugueses dedicados ao estudo de Portugal na Grande Guerra, procurou fazer-se um levantamento do ‘estado da arte’ da historiografia nacional e expor as novas leituras historiográficas que estudam e analisam a participação de Portugal no primeiro conflito mundial. O decurso dos trabalhos veio revelar o dinamismo da historiografia contemporânea portuguesa que, desconstruindo o passado, possibilita ao futuro dispor de conhecimento bem fundamentado e de análise crítica rigorosa sobre um período particularmente dramático da história da humanidade e também de Portugal.

A importância do tema em debate impunha a publicação dos resultados desta investigação. Deste objetivo resultou o ‘*dossiê* especial’ publicado neste número da revista Nação e Defesa, a que designámos “Leituras da Primeira Guerra Mundial em Portugal”. Trata-se de um *dossiê* plural, que evidencia a variedade de investigações que podem decorrer da participação de um país num cenário de guerra. São o caso dos estudos sobre a mobilização da universidade portuguesa para a guerra ou dos prisioneiros portugueses na Alemanha, da história da emancipação das mulheres, assim como os estudos relativos ao desporto e sua relação com a contenda. Isso não impede que estudos mais clássicos, mas com ênfase em novas tecnologias ou em novas temáticas, até agora descuidadas, permitam hoje uma leitura mais abrangente sobre o conhecimento da ação das forças armadas ou da política de guerra. É o caso do estudo dos relatórios dos comandantes-chefes nacionais, por exemplo o do futuro General Sousa Rosa, enquanto chefe das forças nacionais em Moçambique em 1918. É também o curioso estudo sobre a guerra submarina na costa portuguesa, com recurso a novas fontes de informação: os filmes elaborados pela *Kaiserliche Marine*. O papel dos submarinos alemães durante a guerra é, na sua vertente clássica, também aqui objeto de análise.

Importa salientar, pelo contributo para a promoção de um conhecimento mais abrangente, a possibilidade de acesso a novas fontes de informação, que atualmente servem de base a investigações em curso, permitindo uma melhor compreensão da intervenção de Portugal na Primeira Guerra Mundial, através de novos e mais amplos ângulos. De igual modo têm-se desenvolvido novos espaços, mais apelativos e abrangentes, de divulgação histórica junto do grande público.

Em ambos os casos, é relevante o trabalho que tem sido realizado pelo Arquivo Histórico Militar.

No *'dossiê especial'* agora publicado analisam-se, igualmente, questões mais técnicas dos arquivos ou da elaboração teórica dos projetos de investigação. É objeto de estudo a elaboração da obra "Portugal e a Grande Guerra. 1914-1918", um volume coletivo consagrado à participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, assim como os fundamentos do projeto de investigação "Pensar Estrategicamente Portugal: A Inserção Internacional das Pequenas e Médias Potências e a Primeira Guerra Mundial", acima referido.

Mas esta diversidade de estudos historiográficos sobre a Primeira Guerra Mundial também evidencia uma evolução ao nível da Estratégia. Com as guerras mundiais, a Estratégia deixou de estar confinada ao vetor militar e teve de se alargar e ampliar, em razão da natureza de um conflito de largo espectro.

Este número da Nação e Defesa conta, ainda, com uma secção extra-dossiê. Vasco Rato aborda os processos de contestação popular que ficaram conhecidos como a "Primavera Árabe", argumentando que os regimes que utilizaram um grau elevado de violência aumentaram as suas probabilidades de sobrevivência. Porém, como ilustram os casos de Hosni Mubarak e Ben Ali, removidos da chefia do estado porque perderam o apoio das suas respetivas instituições militares, as forças armadas foram atores determinantes ao longo da "Primavera Árabe".

Por fim, Cristiano Cabrita analisa os desafios futuros que se colocam à democracia, argumentando que esta é, em certa medida, a sua pior inimiga, porque na ótica do autor, a maioria das questões que estão hoje em dia a ser debatidas resultam de um elevado grau de inépcia, apatia, alheamento e desinteresse por parte das democracias liberais.

Vítor Rodrigues Viana